

**A cidade e a colônia:
Representações dos mundos urbano e rural em
almanaques de língua alemã**

Méeri Frotscher

(...)
Beide von der Kolonie.
(...)
Nicolaus und Friedolin,
Jetzt die grosse Welt durchzieh'n.
(...)
Wie die beiden Heimgekommen,
Hat gar niemand nie vernommen.
Möchten in die grosse Welt,
nicht hinein für Gut und Geld.
Schaffen wieder wie noch nie,
auf der schönen Kolonie.¹

Dois mundos. A cidade grande e a colônia. A epígrafe extraída do poema “Die Abenteuerlustigen” trata deste contraste. Escrita num estilo muito semelhante ao de Wilhelm Busch,² poeta e caricaturista muito conhecido entre o público-leitor alemão, o poema versa sobre as aventuras de dois rapazes de uma colônia alemã na cidade grande. A estória, escrita de maneira irônica e divertida, mais que descrever a cidade, os deslumbramentos e estranhamentos dos dois personagens, mostra um intuito muito claro do autor: contrastar o mundo da cidade grande ao da colônia. A estória é impressa em 1935 no *Wille Kalender*. Este texto trata de almanaques como este, publicados nos anos 30 do século XX, no município de Blumenau, Santa Catarina.

Os almanaques têm constituído rica fonte de pesquisa na área das Ciências Humanas, resultando em trabalhos que exploram discussões e temáticas variadas. No

Brasil, algumas pesquisas têm como fonte almanaques para discutir práticas de leitura, cultura popular, identidade nacional e étnica, propaganda, entre outros temas.³ Neste texto, em primeiro lugar, exploramos algumas possibilidades do uso dos almanaques para a história urbana. Tomaremos a própria produção, características editoriais, conteúdo e circulação de alguns almanaques como forma de discutir aspectos da cultura impressa e suas relações com a cidade. Em segundo, analisaremos as representações sobre campo e cidade presentes em textos literários publicados nos *Kalender*, destacando a potencialidade deste tipo de fonte para estudos sobre história baseados na literatura. Tomaremos textos literários para analisar de que diferentes formas, quando se referem às áreas de presença de alemães e descendentes no Brasil, representam o mundo urbano e rural ou, mais precisamente, as relações que fazem entre cidade e “colônia”. O termo “colônia” era utilizado nestes textos tanto para se referir ao universo rural em que viviam os “colonos”, imigrantes e descendentes de europeus dedicados às atividades agropecuárias, como para se referir a determinadas localidades originadas de projetos de colonização.⁴

A análise dos *Kalender* tem muito a contribuir com a história da imprensa no Brasil, mais atenta a outros tipos de periódicos, como jornais e revistas, publicados na língua nacional. A escolha destes almanaques se baseia em três argumentos. Em primeiro lugar, tendo se constituído a partir de um projeto de colonização alemã, a tradição da leitura de *Kalender* constituía uma prática muito presente. Em segundo, Blumenau tornou-se referência importante no mercado editorial em língua alemã no Sul do Brasil. Em terceiro, a urbanização e o concomitante desenvolvimento de atividades agropecuárias criou uma relação dinâmica interessante entre o centro urbano e as áreas rurais ou

“coloniais” (*Kolonie*), cuja contraposição/interdependência se construía e se afirmava, entre outras formas e meios, através da imprensa e da literatura. Concentraremos a análise na década de 30, período mais rico e multifacetado na produção de almanaques na cidade, quando ainda era possível uma imprensa em língua estrangeira.⁵

O texto procura evidenciar como o conteúdo destes almanaques em geral, incluindo as diferentes formas de representação da cidade e da colônia, dialoga com a problemática da nacionalização dos estrangeiros e a tentativa de manutenção da germanidade.

Desenvolvimento urbano e cultura impressa

Na época em que ainda tinha o status de Colônia (1850-1880), não havia em Blumenau nenhum órgão de imprensa, a qual começou a se desenvolver somente na década de 1880, após ser elevada à categoria de município. O desenvolvimento urbano veio acompanhado pelo aparecimento de diversas tipografias e pela dinamização das atividades jornalísticas. Entre 1881 e 1938, foram publicados pelo menos sessenta periódicos, como jornais, revistas e almanaques. A metade destes títulos apareceu em língua alemã e a outra metade em língua portuguesa, além de dois títulos em italiano⁶. Os números, entretanto, podem dar a falsa idéia de que havia certo equilíbrio entre os periódicos de língua alemã e portuguesa. Contudo, se levada em consideração a abrangência e a constância de sua publicação, a imprensa em língua alemã era a hegemônica. Somente nos anos 20 surgiu um jornal em língua portuguesa com maior regularidade, *A Cidade*. Os jornais *Blumenauer Zeitung*, publicado desde 1881, e *Der Urwaldsbote*, desde 1893, eram os de maior tradição e, por conta de seus posicionamentos políticos, os que dominavam os debates na esfera pública. Os *Kalender* também evidenciam essa hegemonia. Na

década de 30 foram publicados quatro títulos de almanaques, o *Blumenauer Völkskalender* (1933-1938), o *Wille Kalender* (1934-1940)⁷, o *Landwirtschaftlicher Kalender für die deutschen Kolonisten in Brasilien* (1926-1932; 1938)⁸, todos em alemão, e o *Calendário Blumenauense* (1934-1935), em português. Este último teve apenas dois números publicados⁹ e foi o mais local de todos.

A boa recepção dos *Kalender* se devia à existência de um grande público-leitor em língua alemã. Em fins dos anos 20, o alemão era a língua materna de mais da metade da população do município¹⁰. Além dos publicados na cidade, também circulavam ali almanaques e outros periódicos publicados noutros municípios e estados, principalmente no Rio Grande do Sul, e até mesmo na Alemanha. A habilidade de ler em alemão era mantida pelos imigrantes alemães e por grande parte de seus descendentes através dos laços familiares e das escolas existentes. Enquanto muitas localidades do Brasil o letramento custou a se firmar na sociedade, no Vale do Itajaí a ampla rede de escolas garantia baixas taxas de analfabetismo.¹¹ Cabe observar que também alguns brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades ali residentes liam em alemão, o que evidencia a hegemonia da língua alemã.

A expansão das atividades editoriais tem relações também com o processo urbanização. Blumenau era então um dos maiores municípios de Santa Catarina, com elevada densidade demográfica, produção agropecuária e industrial. Seus 10.375 km² equivaliam a 10% do atual estado e eram povoados, no final dos anos 20 do século XX, por aproximadamente 100.000 habitantes¹².

O surgimento de um município com tais configurações demográficas e econômicas subsidiava interpretações da história que afirmavam ter sido Blumenau uma colônia exemplar. Também constituía a base para

afirmações que representavam o município, nos anos 30, como “cidade palácio”, em razão das características arquitetônicas de parte do seu casario, localizado principalmente no centro urbano¹³, resultado da atuação de diversos arquitetos.

A idéia de uma evolução urbana era freqüentemente veiculada a partir da contraposição entre a Blumenau de então e os primeiros tempos da Colônia. Por exemplo, numa retrospectiva publicada no *Blumenauer Völkskalender*, doravante denominado BVK, Blumenau é representada como a cidade que, “no decorrer de oitenta anos, se desenvolveu a partir de um rancho de imigrantes, no qual tantas lágrimas quentes foram derramadas pela velha pátria alemã” (BVK, 1933, p. 39). Duas fotografias publicadas juntas numa página do *Wille Kalender* de 1939, doravante nomeado WK, materializam também esse discurso. Numa delas, a rua principal, a XV de novembro, pavimentada e ladeada por construções de alvenaria de dois ou mais pisos. Esta rua, aliás, é geralmente focalizada nos cartões-postais sobre a cidade. Noutra, dois ranchos cobertos com folhas de palmito, em meio à floresta. A foto é acompanhada da legenda “Primeiro estabelecimento de um colono” (WK, 1939, p. 225). A idéia expressa através da disposição das fotografias e das legendas tem a ver com o sentido civilizatório atribuído à colonização alemã, presente em inúmeras obras literárias, como também observa Giralda Seyferth (2004, p. 159).

A despeito da urbanização e da construção de uma memória que festejava a transformação da Colônia numa cidade, a maior parte do município tinha feições rurais e sua economia era baseada principalmente na agricultura e na pecuária. Aproximadamente três quartos da população era dedicada às atividades agropecuárias¹⁴. Elementos do mundo rural não somente eram presentes no espaço urbano,

como a dinâmica deste último ainda era extremamente relacionada e dependente das áreas rurais.

Apreadem-se tais relações e interdependências através do próprio conteúdo dos *Kalender*. Inúmeros anúncios de produtos voltados para a agropecuária neles inseridos demonstram a força desse ramo no cotidiano. Textos dirigidos especialmente para os colonos divulgavam novos saberes, técnicas e produtos para as lidas do campo. Informações sobre primeiros socorros, remédios caseiros, procedimentos em caso de acidentes e picadas de cobras eram presentes e muito úteis para parte do público-leitor, considerando a falta de assistência médica e a distância entre a sede dos distritos e as áreas rurais. Os calendários mensais agrícolas, com indicações de épocas de plantio e colheita, colocavam o leitor em sintonia com os ritmos da vida no campo.

No município de Blumenau, na localidade de Indaial, foi publicado o primeiro almanaque agrícola em língua alemã do Brasil, o *Landwirtschaftlicher Kalender für die deutschen Kolonisten in Brasilien*, a partir 1926. O almanaque divulgava matérias e calendários que procuravam otimizar as atividades agrícolas e a criação de animais na pequena propriedade rural e, em sua segunda fase, também apresentava matérias especializadas em jardinagem, buscando com isso também atingir um público-leitor urbano (GRÜTZMANN, 2006, p. 90-91). A mesma autora afirma que este *Kalender* deixou de circular em 1933, em virtude de problemas técnicos e da “excessiva oferta de almanaques”, como menciona o próprio editor no prefácio da edição de 1938, quando sua publicação foi retomada. Este fato reforça a constatação da variedade de almanaques publicados na região nos anos 30.

Se por um lado se percebe, nos outros *Kalender*, uma interdependência dinâmica entre a área urbana e a rural,

há também uma constante marcação de fronteiras entre ambas. Esta divisão é visível, por exemplo, num anúncio de uma das maiores indústrias têxteis da cidade. Ali se informa que seus produtos estavam à venda “em todas as melhores casas de comércio de Blumenau e na colônia” (BVK, 1934, p. 64). Observe-se que nesta situação Blumenau não designa o município, mas a “cidade” ou o *Stadtplatz*, como se costumava chamar o centro administrativo e urbano desde o início da Colônia. Blumenau também era a denominação do distrito-sede do município, formado, naquela época, por nove distritos.

É interessante perceber as transformações urbanas através da própria observação das características editoriais dos almanaques produzidos na primeira metade do século XX. O primeiro almanaque, *Der Urwaldsbote. Kalender für die Deutschen in Südbrasilien*, publicado em 1900 em razão dos 50 anos da Colônia Blumenau, evidencia o caráter agrícola do município. Apesar de intitular-se *Kalender*, tratava-se de edição única e comemorativa, característica que dá o tom ao projeto editorial. O primeiro texto é uma descrição histórica da Colônia, o qual é seguido de textos de caráter histórico-descritivo sobre instituições importantes da esfera pública local, como a igreja evangélica e a escola alemã. Um longo texto sobre o desenvolvimento da agricultura confirma a grande importância que esta desempenhava na economia. Apesar de rebuscados esteticamente, os anúncios são poucos, a maioria de página inteira, dispostos em apenas nove páginas ao final. Mesmo o almanaque publicado em 1914, o *Blumenau's illustrierter Familien-Kalender für das Jahr 1914*¹⁵, apesar de já usar a estratégia publicitária de inserir os anúncios em meio aos textos, tem uma quantidade muito tímida de anúncios, menos de 15% do total de páginas.

Já os *Kalender* dos anos 30 apresentam maior caráter

comercial, contendo uma expressiva quantidade de anúncios, o que revela a massificação da prática do reclame na imprensa local e um maior relacionamento entre propaganda e cultura urbana¹⁶. O formato dos anúncios nos permite dizer que tinham não apenas a mera função de propaganda, mas de informar aos leitores os serviços e produtos oferecidos. Os anúncios financiavam parte dos custos de publicação, tornando os almanaques um verdadeiro produto do mercado editorial que se desenvolvia na cidade.

Os anúncios revelam muitas facetas da vida urbana e das atividades comerciais e industriais. Segundo o *Calendário Blumenauense*, doravante nomeado CB, o *Blumenauer Volkskalender* possuía “anúncios de quasi (sic) todas as casas comerciais e industriais de Blumenau” (CB, 1934, p. 81). Através dos anúncios, o centro urbano aparece como lugar de acesso a produtos, tecnologias e serviços. Além desses anúncios, publicavam tabelas com horários de trem e linhas de ônibus, preços de ligações intermunicipais, taxas de correios e telégrafos, informações sobre pagamento de impostos, etc., constituindo-se desta forma num guia dos ritmos da cidade. O *Calendário Blumenauense* informava, inclusive, nos calendários mensais, os dias de plantão das diversas farmácias da cidade. Direcionado para o público urbano, este almanaque se diferenciava neste aspecto dos demais, que se dirigiam também para os habitantes das áreas rurais.

Em 1935 havia seis tipografias na cidade, responsáveis pela impressão dos materiais mais variados, entre eles jornais, suplementos, livros, brochuras, edições comemorativas de instituições do município, álbuns e cartões postais. Eram elas: Tipografia Baumgarten, Cidade de Blumenau, Carl Wahle, Emil Jacobs, Gustav Koehler, Nietzsche & Hömke. Alguns de seus proprietários

associavam suas funções gráficas a outras atividades comerciais. Por exemplo, Carl Wahle, G. Artur Koehler e Nietzsche & Hömke também dispunham de papelarias, onde, além de oferecer periódicos brasileiros e alemães, vendiam livros, cartões-postais, artigos para escritório e até mesmo sementes de flores e hortaliças importadas¹⁷. Não somente eles divulgavam impressos, também outras empresas como a papelaria e livraria Starke & Cia., que era representante comercial do *Deutsche Zeitung*, de São Paulo, e do *Deutsche Rio Zeitung*, do Rio de Janeiro. Curiosamente também era representante de um sal refinado e moído para alimentação animal que tinha como símbolo a suástica nazista. Estes fatos mostram como o espaço urbano era ainda fortemente ligado ao universo rural. Além disso, evidenciam o papel importante destas casas na popularização da leitura e, conseqüentemente, na divulgação de diferentes idéias de germanidade na região.

Estas casas comerciais investiam na propaganda para alargar sua clientela, inserindo anúncios em periódicos locais. Através dos anúncios, apreende-se seu papel em vender grande variedade de objetos de leitura não só a uma elite letrada, mas também a um público mais abrangente.

Segundo Nelson Werneck Sodré, o almanaque “era o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros” (1977, p. 276). Este “livro periódico”, como o caracteriza Heloísa Cruz (2000, p. 83), certamente cumpriu a função de popularizar a cultura letrada entre os habitantes de diversas localidades do Brasil. Em muitas regiões, constituíam um dos poucos periódicos aos quais as populações rurais tinham acesso. Sua periodicidade, formato e conteúdo faziam com que fossem lidos pela família, colocando-as em contato com a cultura impressa produzida no centro urbano ou em outras cidades do país. Em nosso caso, entretanto, não devemos superestimar

demais esta função em popularizar a leitura, principalmente se considerarmos a alta taxa de alfabetização na região do Vale do Itajaí. Isto, contudo, não nos deixa de considerar o papel pedagógico dos almanaques. Conforme Irmgard Grützmänn, os *Kalenders* constituíam “um meio de comunicação de massa que utiliza a linguagem verbal e não-verbal, destinado à informação, ao entretenimento e à formação dos leitores” (2004, p. 49).

Roger Chartier adverte sobre os perigos em qualificar o almanaque, sem nuances, de “popular”. Para o autor, “seu público é bem popular, se se entende por isso que ele é formado por muitos leitores que pertencem aos meios pobres e mais humildes da sociedade. O almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem ler” (1999, p. 9). Este intuito de atrair um público-leitor amplo é expresso na edição de 1936 do *Blumenauer Völkskalender*. Ali os editores expressam o interesse em atingir tanto “industriais e comerciantes”, como “operários, agricultores e artesãos” e em oferecer um “momento de lazer amigável”, “uma boa palavra, uma bela lembrança, uma instrução contemplativa, uma indicação prática e uma palavra serena” (BVK, 1936, s/página). Vale esclarecer que, neste caso, o objetivo de atingir todo o “povo” (*Völk*) e o próprio termo “popular”, expresso no título do almanaque (*Völkskalender*), se reveste de sentidos próprios do nacional-socialismo, o qual era por ele propagado.

O preço dos almanaques favorecia o seu consumo entre as camadas populares. O exemplar do *Blumenauer Völkskalender*, por exemplo, era vendido em 1934 a 1\$500, o equivalente ao valor de envio de cinco correspondências no interior do Brasil (BVK, 1934, p. 243) ou a um oitavo do valor de uma assinatura anual do jornal *Der Urwaldsbote* ou do *Blumenauer Zeitung* (CB, 1934, p. 81), publicados duas

e três vezes por semana, respectivamente.

Chama a atenção o fato dos almanaques em língua alemã terem maior abrangência que o *Calendário Blumenauense*. A análise do conteúdo dá indícios sobre o seu público-alvo. Este é o almanaque mais local deles. Não parece ter sido um concorrente comercial do *Blumenauer Völkskalender*, tanto que o próprio editor salienta, em coluna sobre a imprensa local, o papel daquele *Kalender* na divulgação de empresas da cidade dando, inclusive, o preço do exemplar e o endereço de sua redação (CB, 1934, p. 81). Em prefácio, ressalta o propósito de não apenas obedecer “a fins de propaganda do comércio e indústria blumenauenses” (CB, 1934, s/ página) mas principalmente ser “um repositório de informações úteis e, sobretudo, de dados históricos e geográficos sobre o grande município catarinense”, principalmente para a “mocidade de Blumenau”¹⁸ e para um público-leitor urbano. Por isso, diferentemente dos dois *Kalender*, trazia poucos artigos informativos sobre agropecuária.

Grande parte dos materiais publicados nele se refere à história, geografia e dados administrativos sobre Blumenau e seus distritos. O almanaque se atribui o papel de informar ao público-leitor o aparato burocrático-administrativo à sua disposição e de fazer conhecer os laços entre a história do município e a do país. Neste sentido, o *Calendário* parece se contrapor aos *Kalender*. Pode não ter sido um concorrente comercial deles, mas trazia outra proposta, a de mostrar o caráter também brasileiro do município. Significativa é a inclusão do Hino Nacional Brasileiro. O *Calendário* procurou também se diferenciar esteticamente dos *Kalender* locais. Tinha pretensões literárias e estéticas, dava maior valorização às fotografias, mas a impressão em duas cores não deu certo, havendo desalinhamento e sobreposição de letras.

O *Blumenauer Völkskalender*, apesar do título e de

apresentar, nos primeiros números, grande quantidade de anúncios e textos sobre o município, não era voltado somente para um público local. Expandiu sua comunidade de leitores para o Sul do Brasil, a partir de 1935. No caso do *Wille Kalender*, jamais foi voltado somente para um público local. Seus anúncios e artigos se referem também a estados do Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Desde o início visava alcançar um público mais amplo, certamente uma estratégia comercial para não disputar o mesmo público que seu concorrente, o *Blumenauer Völskalender*, o qual tinha maior número de anúncios do município.

O processo de urbanização e diferenciação social tem suas relações com a entrada de novos sujeitos no mercado editorial de periódicos. Foi o caso dos editores de ambos *Kalender*, os quais estrearam suas atividades editoriais naquela década. Um dos editores do *Blumenauer Völskalender*, Franz Nietzsche, começou a publicar em suas oficinas gráficas, em 1933, além do almanaque, o informativo mensal do grupo local do NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Nacional-Socialista Alemão), do qual era membro. Otto Wille, também imigrante, não era do ramo gráfico, mas se utilizou de suas experiências como representante comercial do *Blumenauer Völskalender* para publicar o seu próprio almanaque. Era representante comercial e também vendedor de terras para colonização no Vale do Itajaí. Quanto ao editor do *Calendário Blumenauense*, José Ferreira da Silva, advogado, jornalista e historiador, já tinha experiência no ramo, tendo sido fundador e editor de diversos jornais no município. Sua trajetória dentro do movimento integralista deve ter sido uma das razões para ter abandonado a publicação do almanaque. Isto porque neste meio tempo não somente foi militante da Ação Integralista Brasileira, como editor, a partir de janeiro de 1935, do jornal integralista

Alvorada, dedicando-se ainda mais à política quando foi eleito, um ano depois, o vereador mais votado no município. Outros editores e colaboradores de jornais locais, como *Cidade de Blumenau* e *Correio de Blumenau*, dos quais José Ferreira da Silva foi fundador, escreviam para seu almanaque, fato que evidencia como a imprensa também se reproduzia no município.

Através da análise do perfil editorial de cada título e do lugar dos almanaques na cultura impressa da cidade, pode-se perceber a pluralidade editorial e ideológica existente. Estas diferenças parecem ter sido uma das causas para a própria aparição do *Wille Kalender*. Otto Wille chegou a ser agente de vendas do *Blumenauer Völskalender* para o ano de 1933, mas deixou de sê-lo para publicar, um ano depois, o seu próprio almanaque. No editorial do primeiro número deixou a entender a existência de divergências em relação ao *Blumenauer Völskalender*: “Mais um novo almanaque!”, assim talvez alguns dirão, quando vier aos seus olhos este pequeno livro. Nós então respondemos: “Positivo, pois nós ainda não temos o [destacado em negrito pelo editor] almanaque que melhor corresponda às nossas circunstâncias” (WK, 1934, s/pág.).

No editorial do segundo número, escrito em forma de poesia, Otto Wille se refere à existência de concorrência no ramo e à vontade alheia de destruir seu projeto. O editor refere-se certamente aos editores do *Blumenauer Völskalender*: “Agora [o almanaque] já bateu recorde, de forma que ninguém se atreve e se arrisca a copiar o que ele desenvolveu. Também é inteiramente impossível destruir Otto Wille! E que ninguém venha atribuir-lhe um déficit”. Wille se refere ao seu almanaque como aquele que oferecia a posição editorial mais apropriada: “Onde há um Wille, há um caminho! E ele não irá amolecer. Seguirá adiante a sua direção!” (WK, 1935, p. 30-31). A frase encerra um

trocadilho muito significativo. A palavra “Wille”, não designa apenas o título do *Kalender* e o sobrenome do seu editor, mas também significa “vontade” na língua alemã.

A aparição de diversos periódicos nos mostra a relação estreita entre as transformações urbanas e o desenvolvimento das artes gráficas e da cultura impressa e tem a ver com o momento político, marcado pela difusão de movimentos nacionalistas. O *Blumenauer Völkskalender* tinha como um de seus editores um imigrante da Boêmia, vice-cônsul da Áustria em Blumenau e que não somente foi membro, como líder do grupo local do NSDAP. Além do nacional-socialismo, o almanaque veiculava o anticomunismo e idéias anti-semitas.¹⁹ O *Wille Kalender* não veiculava ideologias políticas de extrema direita, mas se pode perceber um perfil conservador, tinha como objetivo “servir ao *Deutschtum*”,²⁰ fato que fazia dele também um meio de atualização da identidade étnica. Ambos investiam na construção de uma memória épica da imigração e colonização alemãs no Brasil. Mas estes *Kalender* mostram diferentes idéias de germanidade e posicionamentos políticos, diferenças muitas vezes pouco levadas em conta durante a Campanha Nacionalização e mesmo pela bibliografia sobre a imprensa local produzida posteriormente. Muito embora ambos procurassem reforçar os laços com a cultura alemã, o *Blumenauer Völkskalender* era o mais radical. Não era qualquer Alemanha com a qual queria estreitar laços, mas a nacional-socialista. A maior parte do material literário nele publicado tem como palco aquele país. O *Wille Kalender* apresenta uma preocupação maior em dar o Brasil a conhecer ao leitor, principalmente através de inúmeros relatos de viagem.²¹

Com relação ao *Calendário Blumenauense*, a inclusão de alguns artigos a favor da nacionalização dos estrangeiros pode ser entendida como uma forma de se contrapor aos

propósitos de marcação de fronteiras étnicas presentes nos *Kalender*, em que pese o reconhecimento do papel do estrangeiro no desenvolvimento econômico do município. Através do seu conteúdo literário, este almanaque também tinha a preocupação em colocar o leitor em contato com a literatura catarinense e brasileira.

Não somente a língua na qual era impresso o diferencia dos almanaques publicados em língua alemã. Estes últimos, através de textos e anúncios, acentuam quase que exclusivamente a presença alemã, enquanto que o *Calendário Blumenauense* mostra mais a face luso-brasileira da cidade. Embora a maioria de seus reclames seja de anunciantes alemães e descendentes, o número dos reclames de luso-descendentes é bem maior que nos almanaques de língua alemã.

Ou seja, se compararmos os almanaques de língua alemã e o de língua portuguesa, percebe-se duas diferentes imagens da cidade. Os primeiros, sobretudo o *Blumenauer Völkskalender*, acentuam a presença e a origem alemã dos anunciantes. Hotéis oferecem comida alemã, livrarias anunciam literatura alemã, lojas e representantes oferecem produtos e tecnologias importados da Alemanha. Profissionais liberais, principalmente médicos, farmacêuticos, engenheiros, anunciam que os estudos foram absolvidos na Alemanha com o intuito de atestar a competência dos serviços prestados. Obviamente tais práticas visavam captar a atenção do público-leitor de língua alemã. Isto porque os mesmos anunciantes não destacam tais elementos nos anúncios publicados no almanaque em língua portuguesa. Enfim, anúncios, textos de caráter histórico-descritivo sobre instituições culturais, educativas e religiosas da esfera pública alemã, publicados nos *Kalender*, deixam ao leitor a impressão de ser Blumenau uma cidade “alemã”.

No *Blumenauer Volkskalender* o município é representado como “*unser engeres Blumenauer Heimatgebiet*” (nossa pátria estreita blumenauense) (BVK, 1933, prefácio), uma concepção muito presente em regiões de colonização alemã, onde as “colônias” eram referidas como “uma pequena pátria alemã no Brasil” (SEYFERTH, 1994, p. 110). Tal concepção e as implicações daí surgidas são perceptíveis também no material literário publicado neste e no *Wille Kalender*, os quais, entretanto, apresentavam diferentes concepções de cidade e colônia, como veremos a seguir.

Colônia versus cidade

Qual o papel dos *Kalender* na representação de determinadas imagens metafóricas da cidade e da colônia? A que outras idéias as concepções de cidade e colônia estão associadas e por que aparecem neste momento? Estas são as principais questões que procuramos responder.

Este item se aterá estritamente à análise do material literário do *Blumenauer Volkskalender* e do *Wille Kalender*, pois o almanaque de língua portuguesa e o *Kalender* voltado à agricultura, como escrito anteriormente, não permitem discutir as questões propostas. Separamos textos literários, cujas estórias se passam em cidades ou áreas rurais do Brasil. O primeiro conjunto contrapõe a colônia (entendida ora como área rural, ora como município originário de projeto de colonização) à cidade grande, o segundo, a colônia (área rural) à cidade (centro urbano).

Exemplar para o *Blumenauer Volkskalender* é o longo conto “*Ein Gramm Glück*” (Uma pitada de sorte) de Wolfgang Ammon (BVK, 1935, p. 43-85). Aqui a relação colônia/cidade grande é representada como uma alegoria da relação colônia alemã/Brasil, contrapondo-se o modo de vida positivo da colônia alemã ao modo de vida negativo do

Rio de Janeiro, ou seja, no universo não alemão. Personagem principal da estória é o jovem descendente de alemães Ernesto, filho do dono de uma pequena venda em Blumenau, que se dirige ao Rio de Janeiro para trabalhar numa grande casa comercial, da qual tornou-se representante. A trama se desenrola a partir da notícia da falência de uma empresa para a qual Ernesto acabara de vender uma grande quantidade de tecidos. Por causa da eminência de um rombo financeiro, no diálogo entre os patrões de Ernesto, este aparece como o “tonto tímido da colônia”, quieto demais, ingênuo, sem audácia e tino para lidar com as pessoas, ou seja, sem habilidades para aquele ramo. Até mesmo suas roupas e porte são identificados como da “colônia”. Neste conto, a “colônia” não é identificada à área rural, mas ao próprio município de Blumenau, o qual é assim contraposto à capital do país. Ernesto também não é um propriamente um colono que trabalha no campo, mas filho de vendeiro.

As dificuldades e o desânimo fazem com que Ernesto compare, com “saudade torturante”, o ritmo louco, a multidão, o “bulício de carros e pessoas” da cidade grande com a “vida pacífica da colônia”, lembrada com nostalgia e retratada de forma idílica. Lembra-se de sua vida livre em casa, de “seu cavalo para montaria, de seus cachorros, sua espingarda e vara de pescar, de suas maravilhosas viagens de descoberta no mato e alegres passeios com os amigos”. A liberdade, comumente associada à cidade, aqui é associada à colônia. Até mesmo a ocupação diária na venda do pai, nos velhos tempos, segundo ele, era um prazer em comparação com a “labuta cansativa e estúpida” da empresa onde há um ano trabalhava. Lamenta a mudança da “bela colônia” para aquela “aborrecida, barulhenta e cansativa vida de cidade grande”. Apesar do destaque dado à elegância de suas avenidas, a cidade grande é representada

negativamente, como lugar do mau caráter, da mentira, da infidelidade, do perigo, do barulho. O autor contrapõe o comportamento ético do “alemão” da “colônia”, representado como “o único entre todos os outros funcionários portugueses”, ao de alguns personagens, tidos como pervertidos e corrompidos. Aqui percebemos a cidade como lugar da corrupção, enquanto o campo é associado à inocência, à liberdade, visto como espaço idílico e uma espécie de refúgio.

A vida e o trabalho na cidade grande, lugar da multidão, da impessoalidade, exigia de Ernesto habilidades correspondentes, como saber distinguir o bom do mau pagador, aptidão que lhe é cobrada pelo patrão ao recriminá-lo por não ter percebido que a empresa para a qual tinha vendido mercadoria entrara em processo de falência. Desta forma, as relações vividas na colônia (*Kolonieverhältnisse*) são contrapostas às relações muitas vezes impessoais da cidade grande, no caso, o Rio de Janeiro, representada como metrópole (*Weltstadt*).

Outro recurso utilizado pelo autor para contrapor a colônia à metrópole é a descrição da relação entre Ernesto e Rita Klarmold, filha de alemães em cuja casa ele se hospedara. Ele é inicialmente visto por Rita como “colono grosseiro”, “colono pateta”, “caipira de Blumenau”. Incitada pela sua indiferença, entretanto, a vaidosa Rita, experiente na relação com os homens, parte para a sua conquista. Para ela, trata-se de mero jogo. Mas, para ele, a relação se torna algo sério, ao ponto de sentir-se noivo dela. A cidade grande faz Ernesto até se esquecer de sua fiel Anneliese, a moça apaixonada que o esperava em Blumenau. Anneliese corresponde à imagem idealizada da mulher alemã propagada pelo nacional-socialismo. Esta e outras estórias são uma mostra também da riqueza dos *Kalender* na discussão sobre relações de gênero e imagens femininas.

O conto, em si, é repleto de antagonismos e preconceitos: colônia x cidade grande, ritmo agitado x vida tranqüila, lealdade x traição, ingenuidade x esperteza, ética x corrupção de caráter, alemão x brasileiro/português. Alguns personagens são identificados como “brasileiros” ou “portugueses”, enquanto Ernesto e seu amigo, também oriundo de Blumenau, são identificados como “alemães”. É justamente o companheirismo deste velho amigo, da colônia, e as lembranças do “lar querido” que o encorajam e o fazem dar-se bem, ao final. Ernesto desmascara, com o uso da violência, os espertos comerciantes sírios, os quais simularam processo de falência. Recupera o valor devido e, além disso, rompe decididamente o namoro com Rita, após descobrir sua infidelidade. Tais atitudes e fatos se contrapõem às imagens iniciais existentes a seu respeito. Triunfa, ao final, graças a uma pitada de sorte – daí o título do conto.

O autor do conto, o escritor alemão Wolfgang Ammon imigrou para Santa Catarina em 1886 e foi colaborador de almanaques e jornais em língua alemã no Brasil e na Argentina. Escreveu poesias, novelas e crônicas centradas nos ideais do *Deutschtum* (germanidade) e na vida cotidiana colonial (SEYFERTH, 2004, p. 162-163). Os sentidos dados aos personagens do conto anteriormente descrito, suas ações e posições podem ser melhor interpretados através de um texto seu sobre a celebração do Dia do Colono,²² publicado no mesmo *Kalender*. O texto investe numa memória apologética das colônias alemãs no Brasil, visando legitimar aquela data comemorativa que acabara de ser instituída no Rio Grande do Sul e visa construir/fortalecer um sentimento de coesão grupal, daí o título do artigo, “Unser Tag” (Nosso dia). Neste texto, o autor não somente tece um elogio aos “esforços conscientes” dos fundadores das colônias em “manter a

germanidade (*deutsches Volkstum*) no meio de uma população constituída de outras raças”, como pleiteia o fortalecimento da “autoconfiança da germanidade (*Deutschtum*) brasileira” (BVK, 1936, p. 221-222).

No conto analisado, a colônia alemã é contraposta à capital brasileira. A colônia é o lugar da moral, dos valores verdadeiros e superiores. A capital brasileira é o lugar da ilusão. A estória parece trazer elementos para mostrar que uma suposta inferioridade do colono frente à cidade grande, ou melhor, à capital brasileira, não teria razão de ser. O conto certamente era compatível com os propósitos dos editores, interessados não somente em pintar uma imagem positiva das áreas de colonização alemã no Brasil, como também marcar fronteiras entre os “alemães” e os “brasileiros”. E o final feliz provavelmente vinha ao encontro da expectativa de grande parte do público-leitor, a maioria oriunda de localidades colonizadas por alemães e descendentes.

Neste e noutros textos de caráter literário do *Blumenauer Volkskalender*, a cidade grande brasileira é não somente o lugar da deturpação do caráter, mas também do perigo em se perder a identidade alemã. No conto “Ein Gramm Glück”, Rita Klarmold, a alemã assimilada aos costumes e valores da cidade grande brasileira, é representada negativamente como falsa e infiel. Apresenta características de “mulher de cidade grande” (BVK, 1935, p. 53), é atrevida, fumante, consumidora de produtos de maquiagem e da última moda, comportamentos que incomodam Ernesto, apesar de apaixonado. Mas o que mais o incomoda é o fato de Rita renegar a língua e a origem alemã. Ela não apenas preferia falar português com os pais, mesmo sendo estes alemães, como renegava seu sobrenome alemão (Klarmold), insistindo em ser chamada de Rita Clairmond, ou seja, afrancesando o sobrenome. A

infidelidade de Rita é contraposta à lealdade da jovem Anneliese, que espera Ernesto de volta na “colônia”. O conto assim aborda a velha polêmica da assimilação cultural dos alemães no Brasil, questão amplamente e calorosamente problematizada por inúmeras publicações que circulavam no Brasil.

Portanto, o perigo da cidade grande é relacionado não somente a valores morais, mas também étnicos. O perigo não é exatamente a cidade grande em geral, mas a cidade grande brasileira, onde se estaria exposto ao perigo da assimilação cultural. Chama a atenção que o autor não escolheu qualquer cidade, mas a capital federal. Portanto, não se trata de uma mera contraposição entre a cidade grande e a colônia, mas entre a cidade grande brasileira e a colônia alemã. Vale lembrar que neste conto Blumenau é representada como a “bela pátria/lar” (*schöne Heimat*) e que o termo *Heimat*, neste caso, significava a “pátria alemã” no Brasil. Ou seja, esta concepção circunscrevia fronteiras culturais e mesmo nacionais em relação ao Brasil. Nesse sentido, a crítica em relação à cidade grande brasileira e sua contraposição em relação ao universo da “colônia alemã” encerram também um auto-elogio, pois os valores da “pátria estreita blumenauense” vencem ao final. O suposto “tonto”, “caipira”, “colono grosseiro” pega o destino em suas mãos e consegue se impor, tornando-se o herói da estória.

A contraposição entre cidade grande e colônia é perpassada neste conto por elementos do ideário nacional-socialista, ou seja, pelo posicionamento político do autor e também dos editores do almanaque. A positivação dos valores do colono alemão, mesmo que ele no conto não seja proveniente do espaço rural propriamente dito, se aproxima da valorização nacional-socialista do camponês. O princípio da *Bodenständigkeit* (apego à terra) entre os nacional-socialistas parecia convir a muitos interessados em

manter as populações rurais nas “colônias”, de forma a evitar a agitação política nos centros urbanos.²³

O *Wille Kalender* traz outra perspectiva da relação colônia e cidade grande. É o caso por exemplo, do conto “Urwaldskind vor Königsthron. Eine Episode aus dem Urwalde Brasiliens” (Criança da floresta perante o trono real. Um episódio da floresta brasileira”) (1939, p. 264-278).²⁴ O conto narra a estória de Martha, filha de um vendeiro da colônia que obtém emprego em casa da família de um diplomata da capital federal devido a certas características e comportamentos. Raciocínio matemático, conhecimentos musicais, habilidade em lidar com os clientes, inteligência, são alguns atributos destacados no conto e que, indiretamente, acabam sendo identificados como importantes para alguém se dar bem na cidade.

Em que pese o medo dos “perigos” da “cidade grande”, expresso pelos pais, Martha obtém permissão para se mudar para a capital federal, de onde envia cartas contando as novidades. Martha torna-se dama de companhia e, nesta função, viaja com a família para a Europa e aprende outras línguas. A visita à corte dinamarquesa é o ponto alto do conto. Através desta trajetória extraordinária, uma “menina da floresta” de uma pequena colônia alemã no Brasil que chega a conhecer pessoalmente a rainha da Dinamarca, o autor parece querer se opor a estereótipos existentes acerca do habitante da “colônia”, como o que lhe imputava inferioridade em relação ao cidadão, e apontar para a possibilidade de sucesso na cidade grande. Não obstante os medos em relação aos “perigos” da metrópole, expressos no início do conto, o mesmo termina representando a cidade como porta para o mundo e lugar de possibilidades para quem fosse detentor de certos atributos. Com isto se deixa entender que ter origem na colônia não significaria ser incapaz, ignorante e inferior.

Mas há também um ponto em comum em relação ao conto anteriormente analisado. O personagem principal não é propriamente um “colono”, mas também filho de vendeiro. Contudo, em ambos os contos, os personagens principais são identificados como sendo “da floresta”, da “colônia”. Desta forma, apagam-se as diferenças de classe entre os colonos propriamente ditos (agricultores) comerciantes (no caso, o vendeiro). Ao se representar todo aquele que vem de um município oriundo de projeto de colonização como colono, procura-se criar uma comunidade de sentidos entre o público-leitor. Nessa direção, segundo Giralda Seyferth (2004), teria contribuído uma literatura teuto-brasileira que, escrita por uma elite letrada, fez da colonização e de seus protagonistas os seus principais assuntos.

A representação da cidade grande como lugar do perigo é presente na peça teatral “Einst und jetzt” (Outrora e hoje) (BVK, 1938, p. 137-143), do mesmo autor do conto anterior, publicada no *Blumenauer Völkskalender*. A peça trata da fundação e dos primeiros tempos de uma colônia nova, aberta no meio da floresta, e o enredo se desenrola há 30 anos. No primeiro ato da peça, intitulado “Chegada na Colônia”, Frau Anna, imigrante recém-chegada com o marido e filhos, expressa a firme vontade de abandonar a colônia, diante das dificuldades pelas quais passavam. Ricardo, há um ano na colônia, procura convencê-la a não tomar tal decisão. Para ele, mudar-se para a cidade grande poderia significar “cair na miséria”. Viver em meio à floresta e à pastagem, ao contrário, significaria viver saudavelmente e ter uma personalidade “radiante, contente e corajosa”. Após oferecer generosa ajuda à família, o personagem acentua que apesar de ter recebido pouca instrução na colônia, a escola e a religião o teriam ensinado a ajudar o próximo, ao invés de só pensar no interesse próprio e em

tirar vantagem, atitudes que desta maneira são associadas aos habitantes da cidade grande. O autor da peça, portanto, procura salientar de forma romantizada e quase patética a “amizade fiel” e a “boa camaradagem” entre velhos e novos colonos e a vontade de trabalho destes. É com a expressão “Ao trabalho! Hurra” que se encerra um dos atos da peça. A peça, assim, apresenta um propósito muito claro, presente ainda em diversos outros textos publicados neste *Kalender*: a de veicular a idéia de uma comunidade étnica que congregaria tanto antigos como novos imigrantes.

A contraposição entre o universo da cidade grande e o universo da colônia alemã é tema também do poema “Die Abenteuerlustigen”, publicado no *Wille Kalender* (WK, 1935, p. 285-286).²⁵ O poema trata do desejo de dois jovens de uma colônia alemã no Brasil em “conhecer o mundo”, pois até então “Outra coisa não conheciam, senão colheita de milho e feijão”. Saem da colônia a pé. Entram na cidade de trem. A cidade é assim associada aos modernos meios de transporte e à velocidade: “Andando de trem, se aproximam da grande cidade. Carros, charretes, mas que vida! Sobre si vêem sobrevoar aeroplanos nos ares (...)”.

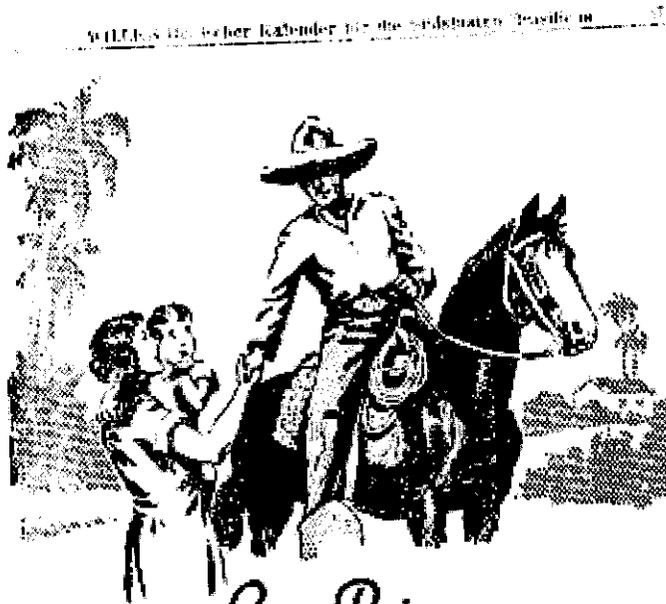
Estupezados, continuam seu passeio pela cidade, a qual repentinamente os transforma, como num conto de fadas. As pernas tortas de Friedolin se endireitam. O nariz torto de Nicolaus ganha “formas nobres”. Duas belas moças se oferecem para acompanhá-los ao refinado café. Cilindros na cabeça, com gestos e feições que lembram elegância e nobreza, passeiam em carro aberto pelas ruas da cidade, onde transeuntes lhes abrem passagem. Mas, de repente, o sonho vira pesadelo. No cassino, perdem as moças para outrem. Seu dinheiro é roubado. Uma grande pancadaria se instala. O leitor então acaba descobrindo que tudo não passou realmente de um sonho. Friedolin e Nicolaus dormiram no meio do caminho em direção à tão sonhada

cidade. Acordam molhados pela chuva, o lanche levado para a sonhada aventura que deteriora.

Na estória, portanto, a cidade vira pesadelo. É o lugar das mulheres fáceis, do roubo, da confusão. Por isso, voltam para o lugar de origem, seguros de que a “bela colônia” é o seu lugar: “Não querem voltar para a cidade grande nem por bens ou dinheiro. Novamente e como nunca trabalham na bela colônia”. Tanto neste, como no conto “Ein Gramm Glück” e na peça teatral, há uma idealização do mundo da colônia e, ao mesmo tempo, uma visão negativa da cidade grande. Aqui há a tematização do retorno à colônia, lugar da vida segura, pacata, alheia às incertezas da vida na cidade grande, local do pecado. Entretanto, a estória não tem o conteúdo étnico e chauvinista do conto “Ein Gramm Glück”. Além disso através do humor em versos, realiza-se uma caricaturização da figura do colono, sem que ele seja ridicularizado.

Quais os sentidos que se podem extrair destas diferentes representações da “colônia” e da “cidade grande”? Ao compararmos os textos do *Blumenauer Volkskalender* e do *Wille Kalender*, é visível uma diferença na forma como representam o elemento da “colônia”. No primeiro, as características positivas imputadas a ele são sempre associadas ao elemento “alemão”. Este não é sempre o caso de alguns textos publicados no *Wille Kalender*. No conto sobre a “criança da floresta”, por exemplo, Martha tem como pai um imigrante europeu (não se detalha a nacionalidade) e como mãe uma “filha da terra” (WK, (1939, p. 264), ou seja, uma brasileira. Talvez a caracterização da filiação de Martha tenha a ver com a campanha de nacionalização, pois este texto foi publicado no almanaque relativo a 1939.

Mas todas as estórias analisadas salientam as qualidades de caráter do colono, parecendo querer-lhe



*Gute Reise...
und vergiss meine Bestellung nicht*

Ein gewohntes Bild im Kolonialland.

Dem Morano, der schon im Sattel seines Pferdes sitzt um in die nahe Stadt zu reiten, weiden von seiner Frau die fünf ihr jüngstes Sochuchen auf dem Arme, bis an das Tor seines Bewachens begleitet, nochmals die Besorgungen, die er machen soll, wiederholt.

— Vergiss nicht die drei Messer soll. Denke an die Schuhe lues Maria, die Mutter lues Fritz und die Schürze des Da mir versprochen hast!

— "Fehlt weiter nichts?"—fragt er, seinem kleinen Sochuchen, vom Pferde sich herab beugend, einen Vaterkuss auf die vollen Wangen drückend.

"Niem, weiter nichts". —

Und als das Pferd, durch einen Spatenruck des Reiters angefahren, davon eilt mit die Frau ihrem Morano noch laut nach:

— "Hilse! Wir haben wohl noch einige, doch lues lues noch eine Tüte."

PIULAS DE VIDA DO DR. ROSE

Anúncio que remete às relações campo/cidade, composto por desenho e pequeno conto intitulado "Boa viagem... e não esqueça da minha encomenda". A frase inicial introduz o conteúdo da estória: "Uma imagem muito comum da vida na colônia". A esposa lembra o marido para comprar mercadorias, entre elas, as "pílulas de vida do Dr. Ross". Este tipo de anúncio, que se utiliza de recursos literários, é comum neste almanaque.

Fonte: *Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens*. Blumenau, n. 2, 1936.

levantar a auto-estima. Os textos do *Blumenauer Völkskalender* apresentam maior consonância ideológica, enquanto que os textos do *Wille Kalender* não apresentam uma concepção única do colono, da colônia e da cidade.

De acordo com Raymond Williams, é necessário confrontar as idéias de campo e cidade com as realidades históricas, perguntar a que outras idéias, dentro de uma estrutura mais geral, as idéias de campo e cidade estão associadas (1989, p. 388-390). Nas estórias analisadas, vemos a problemática da assimilação/manutenção de diferenças culturais e morais associada à questão do isolamento/comunicação das colônias alemãs. Como bem observou Williams, nos séculos XIX e XX, a cidade é associada à mobilidade e ao isolamento, e apesar dessas idéias terem certa persistência, o isolamento só aparece como tema importante durante a fase de desenvolvimento metropolitano (1989, p. 388). Em inúmeras estórias inseridas nos almanaques há uma preocupação em se fazer referência aos meios de transporte. Diversos projetos de colonização estavam em andamento, provocando migrações internas e desafiando a melhoria dos meios de comunicação e transportes. Os autores parecem dialogar com tal problemática num momento de urbanização e de maior comunicação com outras regiões do país.

Em muitas ex-colônias alemãs a urbanização havia provocado uma complexificação das relações sociais e econômicas e uma multiplicação das fronteiras internas (diferenças de classe, étnicas, cidade/campo, etc). Em razão disso podemos encontrar também em textos literários sobre "colônias" alemãs no Brasil a afirmação de fronteiras entre cidade (centro urbano) e colônia (área rural). Um texto que aborda essa questão é o conto "Familie Kohlrtsch. Eine lustige Kolonieggeschichte" (Família Kohlrtsch. Uma estória divertida da colônia) (WK, 1934, p. 79-101). O sonho em melhorar de vida na cidade leva os integrantes da numerosa família de Papa Kohlrtsch a se mudar, diversas

vezes, da colônia para a cidade. A idéia de que ali se poderia “ganhar dinheiro facilmente” e não se dependeria do “clima e das formigas”, defendida pelo pai, sempre é abandonada ao serem confrontados com a realidade, fazendo-os voltar para a colônia, onde as crianças, segundo a mãe, puderam “crescer na dourada liberdade”.

A estória é contada a partir da perspectiva de um alemão, cunhado de Papa Kohlritsch, que recém-chegado ao Brasil e esperando encontrá-la em estado de prosperidade, pois o cunhado havia imigrado há vinte anos, se admira em ver a simplicidade de seu modo de habitar e viver. Através de diversas formas, entre elas a constante referência ao cigarro de palha, sempre à boca de Papa Kohlritsch, o autor marca o pertencimento social deste personagem, ou seja, o imigrante adaptado ao mundo rural do Brasil. Aliás, as crianças conversam em português entre si e logo abraçaram o nome do tio. O alemão estranha também certos comportamentos do cunhado, como a falta de previsibilidade e a larga paciência, demonstrada em longa e atribulada “viagem” entre a colônia e a cidade. Desta maneira, o autor acentua o fato de Papa Kohlritsch ter assimilado valores negativos dos brasileiros.

O autor assim tematiza os estranhamentos dos “Reichsdeutsche” ou “Neudeutsche” (alemães novos), vindos após a Primeira Guerra Mundial, em relação aos alemães que haviam imigrado anteriormente, comumente chamados de “Deutschbrasilianer” (teuto-brasileiros) ou “Volksdeutsche”. O conto ainda aborda diferenças de personalidade e de classe entre o alemão recém-chegado e o instalado há mais tempo. Enquanto o primeiro, diplomado, instala rapidamente e com sucesso uma farmácia na cidade, a família Kohlritsch volta à colônia e não consegue prosperar economicamente, em razão de suas constantes mudanças, a não ser em relação à prole, cada vez mais numerosa.

O desfecho do conto traz a mensagem e mesmo a advertência de que o colono não poderia prosperar sem constância e persistência na propriedade. Esta idéia cabia muito bem num almanaque cujo editor, ele próprio envolvido com venda de terras, fazia massiva propaganda de projetos de colonização.

Deste modo, o conto trata do dilema permanecer ou abandonar a colônia, permanecer ou abandonar a cidade, o qual tinha a ver com vivências ou expectativas de parte do público-leitor. Ao mesmo tempo em que muitas áreas viviam um processo acelerado de urbanização, inúmeros projetos de colonização do *Hinterland* estavam em implantação, provocando deslocamentos populacionais e fazendo da mobilidade um tema importante. Através do uso do gênero humorístico das “Koloniegeschichten” (estórias de colônia), o autor parece alertar para o perigo do constante ir e vir e para a falta de persistência.

Outros contos tratam de colonos que não progrediram ou, inclusive, revelam comportamentos contraditórios aos valores positivos geralmente associados aos colonos alemães. É o caso do conto intitulado “Kokain” (Cocaína) (WK, 1935, p. 160-170), uma sátira que se refere ao consumo de álcool e cocaína, à falta de higiene e à sexualidade. Esta estória permitiria analisar diversos temas, mas aqui nos interessa apontar para sua função pedagógica, pois a estória adverte o leitor e repreende certas atitudes e comportamentos julgados errados.

Neste e noutros contos inseridos no *Wille Kalender* têm-se uma perspectiva menos idealizada do universo da “colônia” e de projetos de colonização em geral. É o caso do artigo “Die Kolonisation in der Praxis” (A colonização na prática), por exemplo, o autor F. W. Johnson analisa criticamente projetos de colonização e aponta razões para muitos terem fracassado. Ressalta que os colonos tinham o

direito de ser mais exigentes que outrora, devendo reivindicar uma série de condições para se estabelecer em novas colônias, como a existência de escola, igreja, instituições culturais, mercado consumidor, meios de transporte, acesso à medicina, etc. (WK, 1935, p. 172-186). Apesar de um retrato positivo do colono, mostra-se a necessidade de um investimento na formação da sua personalidade: “atualmente a ‘piada’ do colono tolo e atrasado perdeu a sua graça, pois exatamente em círculos de colonos se encontra, mais freqüentemente do que em outras profissões, a vontade de ‘vencer’ através da formação da personalidade (...)”. Ao se referir ao colono neste texto, portanto, o autor não se refere a características supostamente inatas, adquiridas pelo mero pertencimento étnico, como sempre sugeriam alguns autores que publicavam no *Blumenauer Volkskalender*. A necessidade de determinadas qualidades pessoais para uma propriedade ou colônia “dar certo” é considerada pré-requisito fundamental. Otto Wille, em descrição sobre a colônia de Porto Novo - SC, um projeto de colonização dirigido a agricultores católicos alemães, advertia que “pessoas que fogem do trabalho encontrarão um inferno nesse pedaço de terra” (WK, 1937, p. 36).

No mesmo *Kalender* encontra-se uma estória que pressupõe os bons valores que um recém-imigrante deveria ter para progredir. Em “*Eine Weihnachtsstimmung*” (Um clima de natal) uma família de alemães recém-imigrados vive na extrema pobreza (WK, 1937, p. 54-56). À noite, depois de um dia duro de trabalho na roça, excepcionalmente por ser natal, o mingau de fubá das crianças é adoçado com açúcar mascavo. Somente uma das velas recebidas de presente da irmã que ficou na Alemanha é acesa. “As outras vamos guardar”, diz a mãe. A carência é o elemento de destaque neste conto, no qual são sugeridos

os comportamentos necessários para o progresso: trabalho e privação.

Embora o *Wille Kalender* e o *Blumenauer Volkskalender* fossem um meio de atualização da identidade étnica, pois defendiam o cultivo da língua e da cultura alemãs, o *Wille Kalender* mostrava uma imagem diferenciada dos alemães. Enquanto isso, o *Blumenauer Volkskalender* insistia exageradamente na idéia da existência de uma *Völksgemeinschaft* (comunidade racial e nacional alemã) entre alemães e descendentes e pintava sempre um quadro positivo destes, em contraposição aos brasileiros. Freqüentemente se encontra nele um contraponto entre o colono alemão, representado como simples, comportado, honesto, trabalhador, e o cidadão brasileiro, corrompido pelos valores da “cidade grande”.

Como visto, as representações da cidade e da colônia e de suas relações têm a ver com experiências e outras idéias veiculadas naquele momento, como a problemática do isolamento/comunicação e da assimilação cultural dos alemães e descendentes. Estas idéias demonstram diferentes perspectivas dos autores e dos almanaques. Ambos dialogavam com um suposto sentimento de inferioridade do colono alemão. Mas enquanto o *Blumenauer Volkskalender* apresenta estórias em que o colono alemão aparece indistintamente como o melhor em relação ao outro, o *Wille Kalender* faz propaganda para projetos de colonização e defende que o bom colono também poderia dar-se bem na cidade, desde que mantivesse determinados valores e comportamentos. Nestes *Kalender* não há uma concepção homogênea de cidade e colônia.

Notas

¹ “Ambos da colônia (...) Nicolaus e Friedolin querem agora andar pelo mundo (...) Quando os dois voltaram para casa, ninguém sequer percebeu. Não querem voltar para a cidade grande nem por bens ou dinheiro. Novamente e

- como nunca trabalham na bela colônia". WALTER, H. Die Abenteuerlustigen. *Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens*. Blumenau, 1935, p. 285-286. (A tradução para o português desta e das demais citações foram feitas livremente pela autora).
- ² Wilhelm Busch (1832-1908), criador dos famosos personagens Max e Moritz, é considerado o precursor das histórias ilustradas. Foi o primeiro representante de uma arte popular na Alemanha, beneficiada pelo melhoramento e barateamento dos impressos.
- ³ Sobre práticas de leituras de almanaques em língua alemã no Brasil, Argentina e Chile, vide Grützmann (2004). Sobre a produção, circulação e práticas de leitura de almanaques de farmácia, vide Park (1999). Também sobre almanaques de farmácia e sua relevância para estudos sobre a história da ciência e da propaganda no Brasil, vide Gomes (2006). Sobre o Almanaque Brasileiro Garnier e seu papel na construção de uma pedagogia da nacionalidade brasileira, vide Dutra (2005).
- ⁴ O termo "colônia" também era utilizado para expressar uma unidade de medida de propriedade rural.
- ⁵ Durante a campanha de nacionalização (1938 e 1945) se proibiu a produção e circulação de qualquer tipo de impresso em línguas estrangeiras no Brasil. Sobre os efeitos da Campanha de Nacionalização na imprensa e em outras instituições da esfera pública de Blumenau, ver FROTSCHER (2007).
- ⁶ Números obtidos a partir da contagem dos periódicos citados por José Ferreira da Silva em seu livro sobre a imprensa blumenauense (SILVA, 1977). O livro, apesar de pretender ser uma obra de referência, infelizmente é incompleto. O autor deixa de citar alguns periódicos publicados no distrito sede, assim como alguns periódicos publicados nos distritos emancipados de Blumenau na década de 30.
- ⁷ Dois anos depois do *Blumenauer Volkskalender*, em 1940, o *Wille Kalender* teve sua publicação interrompida, segundo o editor, por conta da ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha (WILLE, 1961, p. 294). A publicação foi retomada em 1952 e se estendeu até 1965, um pouco antes do falecimento do editor.
- ⁸ Este almanaque foi publicado inicialmente em Indaial, distrito de Blumenau até 1934, quando foi emancipado. Em 1929 o almanaque mudou de editor, local de publicação (Brusque) e de nome, passando a se denominar *Landwirtschaftlicher Kalender für Land- und Gartenbesitzer in Brasilien* (Almanaque Agrícola para os Proprietários de Terras e de Jardins). Sobre este e outros almanaques em língua alemã publicados em Santa Catarina entre 1864 e 1938, vide Ingart Grützmann (2006).
- ⁹ Sobre o perfil dos almanaques e revistas publicados em língua alemã em Blumenau, entre 1900 e 1965, vide FROTSCHER (jul./ago. 2004).
- ¹⁰ Segundo o censo de 1927, 53% da população tinha o alemão como língua materna, 28% o português, 16% o italiano e 3% outras línguas. BLUMENAU. Prefeito (1923-1929: Hering), p. 30.
- ¹¹ Segundo João Klug, nas áreas luteranas do município de Blumenau – metade da população era desta confissão – o analfabetismo era praticamente inexistente

- por conta do amplo sistema escolar implantado (KLUG, 1997, p. 223).
- ¹² Censo municipal de 1927 incluído em BLUMENAU. Prefeito (1923-1929: Hering).
- ¹³ Com este título, "Cidade palácio", fotografias da rua central da cidade, a XV de novembro, são inseridas no *Calendário Blumenauense* de 1935, com vista para os prédios do convento franciscano e da matriz (p. 42, 53 e 54).
- ¹⁴ Conforme estatística de 1927, 78% da população era dedicada às atividades agropecuárias. BLUMENAU. Prefeito (1923-1929: Hering). Op. Cit., p. 28.
- ¹⁵ Este e o almanaque de 1900 foram publicados pelas gráficas dos dois maiores jornais em língua alemã do município, o *Blumenauer Zeitung* e o *Urwaldsbote*, respectivamente.
- ¹⁶ Uma contribuição para a problematização das relações entre propaganda, periodismo e vida urbana em São Paulo encontra-se em CRUZ (1996).
- ¹⁷ Era o caso da casa comercial de G. Arthur Koehler, que além de editora, tipografia, livraria e papelaria, vendia sementes.
- ¹⁸ Para tanto, o almanaque traz material de entretenimento como palavras cruzadas, jogos de adivinhação, curiosidades matemáticas, etc.
- ¹⁹ Sobre o *Blumenauer Volkskalender* e a difusão do nacional-socialismo, especialmente através do seu material literário, ver FROTSCHER (2007).
- ²⁰ No editorial do almanaque de 1934 é expresso o seu objetivo de "servir ao *Deutschum*", e de mostrar "como no Sul do Brasil o espírito empreendedor alemão, a força e a tenacidade alemãs, associados ao trabalho alemão incansável, criou tudo aquilo que possibilitou a evolução e o progresso destes três estados, principalmente na área econômica" (WK, 1934, s/pág.).
- ²¹ Esta característica se acentua a partir de 1938, quando o *Kalender* deixa de ser dirigido apenas aos estados do Sul do país, passando a se chamar *Wille's Deutscher Kalender für Brasilien* (Almanaque alemão para o Brasil do Wille). A partir daí são inseridas também colunas referentes a outros estados.
- ²² Geralmente o que se escreveu sobre o colono, por ocasião das comemorações do Dia do Colono, tem menos a ver com o agricultor e a vida rural da época do que com os intentos em se construir uma memória épica da colonização.
- ²³ Esta era, por exemplo, uma das preocupações expressas pelo presidente do Sindicato Agrícola de Blumenau, G. Arthur Koehler, também proprietário do jornal *Der Urwaldsbote*, na coluna dedicada à agropecuária Kolonie, Haus und Hof. Sobre isto ver FROTSCHER (2007, p. 81-93).
- ²⁴ O autor, identificado apenas pelo pseudônimo "* Branco", colaborava tanto para o *Blumenauer Volkskalender* como para o *Wille Kalender*. Publicou textos literários e peças teatrais, diversos deles tendo como palco localidades do Rio Grande do Sul.
- ²⁵ O autor é Hermann Walter, radicado em Porto Alegre, colaborador do *Wille Kalender*.

Referências Bibliográficas

- CHARTIER, Roger. Prefácio. In: PARK, Margareth B. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. São Paulo: Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- CRUZ, Heloísa. A cidade do reclame. Propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915. *Projeto História*, São Paulo, n. 13, p. 81-92, jun. 1996.
- _____. *São Paulo em papel e tinta*. Periodismo e vida urbana. 1890-1915. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado de São Paulo/Imprensa Oficial SP, 2000.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- FROTSCHER, Méri. Almanques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, tomo 14, n. 7/8, p. 96-113, jul./ago. 2004.
- _____. *Identidades móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)*. Blumenau: Edifurb/Edunioeste, 2007.
- _____. Lobo em pele de cordeiro: ideário nacional-socialista no material de entretenimento do Blumenauer Volkskalender (1933-1938). *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, tomo 17, n. 11/12, p. 209-230, nov./dez. 2007.
- GOMES, Mario Luiz. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, out./dez. 2006, vol.13, no.4, p.1007-1018.
- GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos. *Dimensões*, Espírito Santo, v. 18, p. 71-103, 2006.

- _____. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST Edições, 2004. p. 48-90.
- KLUG, João. *A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina*. A ação da igreja luterana através das escolas (1871-1938). São Paulo, 1997 (Tese de doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo.
- PARK, Margareth B. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. São Paulo: Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 149-197, jul./dez. 2004.
- SILVA, José Ferreira da. *A imprensa em Blumenau*. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina/IOESC, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Fontes**
- BLUMENAU. Prefeito (1923-1929: Hering). *Relatório da gestão dos negócios do município de Blumenau durante o ano de 1927, apresentado ao Conselho Municipal pelo Superintendente Curt Hering*.
- Blumenauer Volkskalender*. Blumenau, 1933 a 1938.
- Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1934 e 1935.

Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens.
Blumenau, 1934-1937

Wille's Kalender für Brasilien. Blumenau, 1938-1939.

Narrativa histórica no filme documentário: realidade e ficção se encontram?

*José Walter Nunes**

Na pequena cidade onde nasci, era comum escutar: “- moça que fica lendo fotonovela não se casa, porque vive no mundo da fantasia, do sonho”. Comentários nessa mesma direção eram feitos quando se tratava da escuta de novelas transmitidas pelo rádio. Época essa – década de 60 do século XX - em que a televisão não se fazia presente nas pequenas cidades.

Hoje, com menos frequência, ainda é possível ouvir – mesmo de moradores dos grandes centros urbanos - algum comentário parecido com o citado acima, a respeito das telenovelas: “- Não, não as assisto, porque só trazem ilusões, mentiras e nada de real; ademais, tenho coisas mais sérias para fazer”.

Sobre as histórias narradas nos filmes cinematográficos, críticas depreciativas, atualmente, parecem estar mais voltadas para aquelas tidas como supostamente estimuladoras de práticas pornográficas ou violentas. Fora desse espectro, as demais narrativas fílmicas parecem ter aceitação, sem que a idéia de fantasia apareça nos comentários como elemento ameaçador à ordem social ou à instituição do casamento, conforme relatei no primeiro parágrafo deste texto. Desse modo, cabe a pergunta: quando as histórias são narradas no cinema, elas se aproximariam mais do chamado mundo real ou verdadeiro das pessoas?

Vale, ainda, assinalar as acirradas discussões atuais vivenciadas entre pais com seus filhos adolescentes, em torno também da imagem e da palavra, oral ou escrita: “- Meus filhos passam horas na internet. O desempenho escolar deles anda mal, pois só querem brincar, conversar e